

Marília Beatriz

*lugar
do desejo
confesso?*



Cuiabá, 2020

© 2020. Figueiredo Leite, Marília Beatriz.
Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Leitura de originais Lucinda Persona
Imagem da capa Colagem de Marília Beatriz
Foto da obra da capa e interior Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Revisão de elementos paratextuais Marinaldo Custódio
Fechamento de arquivos Maike Vanni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beatriz, Marília
Lugar do desejo : confesso? / Marília Beatriz.
-- 1. ed. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas Editora, 2020.

ISBN 978-65-86328-05-9

1. Poesia brasileira I. Título.

20-41969

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Av. Senador Metelo 3773, Jardim Cuiabá
CEP 78.030-005 | Cuiabá-MT
Tel.: (65) 3624 5294 | 3624 8711
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br

Aos desejos
de ontem,
de hoje
e de sempre
— amores e
poesias.
Amad(o/a)s
e poetas



Nunca estamos
tão longe dos
nossos desejos
do que quando
imaginamos
tê-los realizado.

Goethe

(1749-1832)

O desejo no divã

Marli Walker¹

O lugar do desejo de Marília Beatriz ultrapassa em muito a indagação do título de seu novo livro. Ela enfileira uma série de perguntas provocativas, encadeadas nos poemas, que conduzem o leitor para o cerne de uma questão filosófica e psicanalítica, cuja resposta permeia o mundo da linguagem, o mundo simbólico e, por conseguinte, de todo e qualquer ser humano. Vejamos algumas indagações que a voz poética lança aos olhos e sentidos do leitor conforme o avançar páginas:

Que lugar é este? Que espaço é a falta? Que vontade esfumada é essa? Qual o lugar do desejo sem lugar? O que é isso? De que desejo se trata? Qual a precisão da busca? Qual o local desse objeto? Qual o lugar? O que será da manhã/ Se hoje houve renúncia/ Do desejo? E o desejo vaga sem lugar?

1 Marli Walker é professora e escritora.

Mas onde os D

E
S
E
J
O
S?

Para Lacan, o lugar do desejo está sempre para além da necessidade e sua importância se destaca, sobretudo, por ser o transmissor do grande mediador simbólico que é a linguagem. Então eu pergunto: qual é, afinal, o lugar do desejo que a voz dos poemas deseja confessar? Sobre que desejo fala essa voz?

É nos seguintes versos que encontro uma pista para arriscar alguma resposta:

Sem querer aquela ocultação traz emergindo
Himeros que ataca
com guerrilhas o núcleo do ser

Himeros é um dos filhos de Afrodite. Na mitologia, os Herotes personificam as várias faces do amor. Eros, o mais conhecido, é o deus do amor inconsequente e da união; Anteros é o deus da desilusão, ordens, manipulação, amor correspondido e não-correspondido, é antítese de Eros; Pothos é o deus da paixão e, por fim, Himeros, deus do amor sexual e do desejo carnal.

Himeros é, então, a figura mitológica que lança alguma luz para situar o desejo no campo sexual/carnal

da poesia que lemos em *Lugar do desejo: confesso?*. Nesse caso, lanço eu mesma uma pergunta ao leitor: a voz que fala nos poemas ocupa o lugar psicanalítico que marca a passagem do mundo tátil ao mundo intersubjetivo da linguagem, da incompletude, da falta e do desejo? Ouso responder afirmativamente.

A poesia de Marília Beatriz surge como um apelo, um pedido que esconde e indica uma demanda, movimenta-se na tentativa de alcançar um preenchimento que, no entanto, está sempre além: “Qual o local da aspiração? Será que o esconderijo/ Ocupa o espaço do verão?.”

Parece impossível simbolizar o desejo se ele permanece para sempre insatisfeito pela necessidade de se fazer na linguagem, como adverte a psicanálise. Ainda assim, a voz lírica tenta, de todas as formas e modos, aprisionar de alguma maneira uma resposta, ainda que exposta em sucessivas indagações. Como quem deita no divã, o eu poético realiza intermináveis sessões para vasculhar as camadas mais profundas do inconsciente e lança infinitáveis dúvidas:

Nem tanto por ninguém
Mas certo pela boca
Que clamou pelo desejo e chorou
Pelos insensíveis lugares?

Ora, o desejo renasce incessantemente, uma vez que está sempre em outro lugar que não no objeto a que ele visa ou no significante suscetível de simbolizar tal obje-

to. Então, “Quem sabe a palavra exponha o esqueleto da aspiração?” Quero crer que sim, porque há sempre uma forma de simbolizar o indizível e o mais secretamente desejável:

A aparência sonhada é de beleza
Mas apenas é o que se esvai...
É preciso prender os brincos entre os dedos
Para o simples como o anel de Gíges
Surgir

Quem nunca desejou tornar-se invisível, como conseguiu o pastor Gíges em posse do anel, para alcançar a satisfação de seus desejos, que atire a primeira pedra. Estamos, no entanto, presos em espessas redes morais. Estamos aprisionados em nossa miserável condição humana e o que nos resta e nos salva é o exercício da linguagem. Nela e com ela, mergulhados na mais turva inconsciência, tateamos de leve o invisível lugar do desejo. Inconfessável porque impraticável, impossível, portanto, o gozo da plenitude. Essa pode ser uma das respostas ao profundo e questionador exercício poético de Marília Beatriz. Qual é, afinal, o lugar do desejo? E se tivermos resposta que valha, qual é o espaço que ocupa em meio a tantas demandas? É a própria voz poética que elucida a questão:

Só os mitos entendem o desejo
Conceito de desejo nem resolve a análise
O dito escorre sem encontrar o espaço...

Estamos condenados à busca do lugar, do espaço, da palavra transmutada que decifre os desejos, porque “Entre altos e baixos muros da intenção/ Os dedos não alcançam/ A matéria desejante/ Que em perigo/ Encosta na fresta.”

O meu desejo, por ora, é que Marília permaneça desejante e transponha muros e frestas para trazer até nós, muito e sempre, a potência de sua linguagem poética. Desejo ao leitor que encontre neste *Lugar do desejo* o espaço reconfortante ou inquietante que só a linguagem, por meio da instância poética, é capaz de trazer. Desejo, ainda, que encontre outras respostas e as traga até mim.

Ave, Palavra!

Cuiabá, em domingo seco de setembro de 2019.





O desejo no divã

[9-13]

MARLI WALKER



QUE LUGAR É ESTE?

[19-41]

TALVEZ A NOITE ME CONVERTA...

[43-65]

DESEJO SEM PÁTRIA

[67-89]



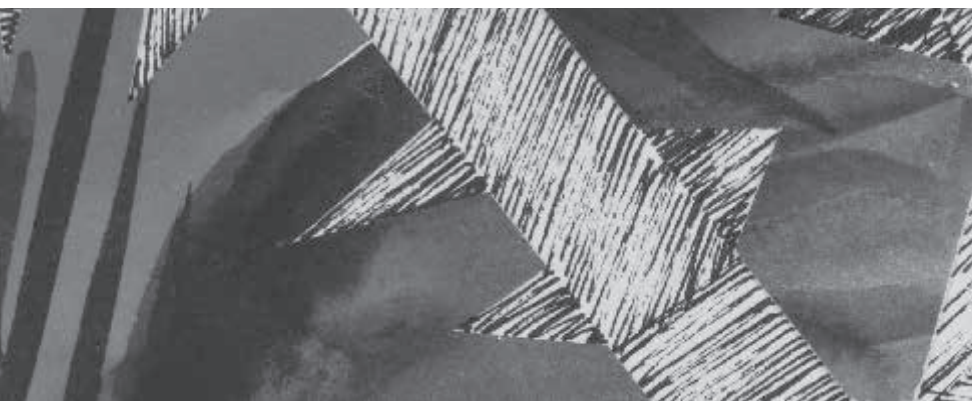
A poética de Marília Beatriz

[91-92]

RUTH ALBERNAZ

Sobre a autora

[94-95]





Que lugar é este?

Que lugar é este
Que cega não encontro
Que espaço é a falta?
Explode em meu rosto
Como a canção que não escuto
Que desejo é esse que não pouso
Que vontade esfumada é essa?

Debruço sobre seu querer
Rindo percebo que não é nada.
Meu corpo ensaia incorporada revolta
Abraço seu temor que arranca
Ensandecido torpor desejante.